

O processo grupal na formação do musicoterapeuta: uma experiência interdisciplinar

Elizabeth Esperidião¹, Leomara Craveiro de Sá²

Construindo a idéia: um desafio

Enquanto educadoras, preocupamo-nos como tem sido a formação dos profissionais de saúde, especialmente neste momento em que surgem novos paradigmas assistenciais cujas demandas apontam para a necessidade de serem bem preparados, não somente do ponto de vista técnico, mas, acima de tudo, do ponto de vista humano.

Certamente, o ensino das profissões de saúde deverá passar por profundas mudanças nas próximas décadas, pois se evidenciam sinais de esgotamento, exigindo a construção de novos modelos de formação e capacitação de recursos humanos em saúde (Machado et al., 1997). Assim, entendemos que é preciso criar oportunidades durante o período em que o aluno está no meio acadêmico, contemplando aspectos que lhe possibilitem o fortalecimento emocional, levando em conta que, via de regra, encontra-se exposto a situações ansiogênicas decorrentes das especificidades de sua atividade ocupacional, das condições de trabalho e, inevitavelmente, dos fatores sócio-econômico-culturais que interferem no seu ofício.

Nesse sentido, o aparelho formador deve deixar de priorizar estritamente a qualificação técnica e possibilitar o desenvolvimento, entre outras, da competência interpessoal de seus alunos, em aprender a aprender, a refletir criticamente, a trabalhar em equipe, a solucionar problemas, dando-lhes subsídios para transitarem bem equipados nas relações que estabelecerem. É de fundamental importância contemplar questões voltadas ao autoconhecimento, expressão/comunicação, relacionamento intra e interpessoal, de forma a tornar o profissional mais comprometido com o atendimento

RESUMO

Este é um artigo teórico-reflexivo que objetiva apresentar uma experiência interdisciplinar na formação do musicoterapeuta na perspectiva de instrumentalizá-lo para atuar em processos grupais. A partir da proposta de duas disciplinas do curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, é relatado como as mesmas são conduzidas, de modo a valorizar o processo do próprio grupo e de seus integrantes, oportunizando ao aluno o desenvolvimento de sua competência interpessoal, incluindo o fortalecimento emocional e de valores ético-humanistas, essenciais aos profissionais que atuam na área da saúde. Os resultados obtidos ao longo da parceria interdisciplinar, que já perdura por quatro anos, reforçam a idéia da importância de uma formação que privilegie situações de aprendizagem pautadas em atitudes criativas, crítico-reflexivas e transformadoras.

Palavras-chave: educação; musicoterapia; processo grupal.

dispensado às pessoas as quais assiste e, também, de resgatá-lo em sua própria humanidade.

As experiências pelas quais os alunos passam durante sua formação acadêmica são, inegavelmente, relevantes para o êxito do exercício profissional e, muitas vezes, nem mesmo os próprios educadores se dão conta da influência que exercem neste sentido. Em recente estudo, evidenciam-se alguns aspectos apontados pelos alunos que enfatizam a importância do papel do professor para o aprendizado de atitudes no desempenho de suas atividades. Não raramente a figura do professor desponta como referência para o perfil profissional que está sendo construído.

Diante desse quadro, nós, educadores, revelando uma atitude coerente entre sentimentos, pensamentos e ações devemos buscar estratégias de ensino que extrapolem o simples repassar conhecimento, despertando uma consciência crítico-reflexiva no aluno que, possivelmente, ajudará a alicerçar sua prática profissional. Para tanto, acreditamos que a formação deva privilegiar situações de aprendizagem pautadas em atitudes criativas e transformadoras.

A partir dessas considerações, par-

timos para uma proposta interdisciplinar na formação do musicoterapeuta, na perspectiva de instrumentalizá-lo para atuar em processos grupais. Assim, o presente artigo tem por objetivo apresentar reflexões oriundas da experiência das autoras ao longo dos últimos quatro anos (2002-2005) no Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás.

A interdisciplinaridade na formação do musicoterapeuta: uma experiência

Diante do colar
- belo como um sonho -
admirei, sobretudo,
o fio que unia as pedras
e se imolava anônimo para que
todos fossem um
(Dom Helder Câmara).

Considerando-se que o profissional musicoterapeuta, em sua prática clínica, depara-se constantemente com processos musicoterápicos grupais, na medida em que várias áreas de aplicação da Musicoterapia e diversas instituições conduzem a esse tipo de atuação, torna-se fundamental, no decorrer de sua formação, atentar para questões relacionadas a grupo, sua dinâmica e seus processos

internos. São inúmeros os recursos que o musicoterapeuta utiliza em seus atendimentos individuais ou grupais, precisando estar adequadamente instrumentalizado, de forma a dispensar assistência significativa às pessoas que buscam ajuda terapêutica.

Reconhecemos que trabalhar o saber numa perspectiva interdisciplinar é não temer desafios. Para a pesquisadora Ivani Fazenda (apud No-

Na visão de Bruscia (2000), a Musicoterapia não é simplesmente a utilização da música, mas a utilização de "experiências musicais".

gueira, 1998, p.35), a atitude interdisciplinar é, na realidade, "... uma atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo... atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes..."

É nesta perspectiva que procuramos concretizar uma parceria pautada na reciprocidade, contando com a participação de uma docente lotada na

As disciplinas objetivam proporcionar uma compreensão da dinâmica do relacionamento humano no enfoque grupal, reconhecendo seus limites e potencialidades, além de planejar, organizar e manter o setting grupal adequado ao contexto musicoterápico.

Faculdade de Enfermagem/UFG, com formação em Psicologia e Enfermagem, cujas experiências na área do comportamento humano e, especificamente,

no manejo grupal pudesse contribuir para o desenvolvimento das habilidades relacionais dos alunos do curso de Musicoterapia. Em contrapartida, a presença da docente com formação em Música e Musicoterapia, nesta mesma disciplina, vem fundamentar as práticas musicoterapêuticas, ressaltando as destrezas necessárias para a atuação do musicoterapeuta em diferentes espaços terapêuticos.

O setting musicoterapêutico, na visão de Craveiro de Sá (2003), é um espaço inter-relacional dinâmico onde inexistem a predominância de uma linguagem específica, mas que se caracteriza pela produção de um regime híbrido de signos musicais e não-musicais: silêncios, sons, músicas, tempos, gestos, corpos, movimentos e palavras que expressam/comunicam, gerando afetos, desejos, idéias, sentimentos, intenções. Sendo assim, a escuta e a análise musicoterápicas são marcadas pela complexidade, pelo imbricamento de signos verbais e não-verbais.

Na visão de Bruscia (2000), a Musicoterapia não é simplesmente a utilização da música, mas a utilização de "experiências musicais". Assim sendo, para o autor, o agente da terapia não é apenas a música, mas principalmente a experiência do paciente com a música (isto é, a interação entre pessoa, processo, produto e contexto).

Nos atendimentos terapêuticos individuais, já nos deparamos com toda uma complexidade: "... terapeuta e cliente se encontram em um campo de forças, em um campo energético, envolvendo processos visíveis e conscientes, invisíveis e inconscientes" (Ribeiro, 1994, p.16). Em se tratando de processos grupais, tal complexidade apresenta-se amplificada, uma vez que várias expressões, comportamentos e relacionamentos se entrelaçam, se interpenetram, revivendo, em grupo, recortes de experiências de vida dos vários integrantes do grupo.

Refletindo sobre estas questões, o Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás mantém, em sua grade curricular, duas disciplinas oferecidas respectivamente, nos 4º e 5º períodos que tratam, especificamente, da formação do musicoterapeuta no manejo de grupos.

Para tanto, num primeiro momento, a disciplina Dinâmica do Relacionamento Humano I objetiva proporcionar fundamentação teórica que facilite a compreensão de aspectos inerentes às interações humanas, nas dimensões intra e interpessoal, identificando fatores que as favoreçam e/ou as dificultem, no âmbito individual e grupal, preparando os alunos para estender e aplicar o conhecimento adquirido às atividades inerentes à Musicoterapia.

Na seqüência, a Disciplina Dinâmica do Relacionamento Humano II apresenta elementos a partir do corpo de conhecimentos da Musicoterapia e da Psicologia, por meio de situações de aprendizagem, orientados pela interdisciplinaridade, neste caso, facilitada pela formação e atuação simultânea das docentes. Assim, sustentadas pelo referencial teórico que embasa as atividades teórico-vivenciais da prática grupal em Musicoterapia, as docentes procuram, em conjunto com os alunos, compreender o funcionamento grupal, tendo como eixo norteador a experiência processual do próprio grupo de alunos atuantes.

As disciplinas objetivam proporcionar uma compreensão da dinâmica do relacionamento humano no enfoque grupal, reconhecendo seus limites e potencialidades, além de planejar, organizar e manter o setting grupal adequado ao contexto musicoterápico. Procura focalizar o desenvolvimento de novas opções e perspectivas para o relacionamento interpessoal eficaz, buscando, principalmente, entender questões relacionadas à condução de grupos, ao papel do coordenador e liderança de grupo, ao planejamento, organização e manutenção de um setting musicoterápico grupal.

Nesse sentido, situações vivenciais fazem parte das estratégias de aprendizagem das duas disciplinas acima citadas, de forma a possibilitar a todos os alunos a experiência de coordenação de sessões musicoterápicas grupais, utilizando-se dos recursos da teoria da dinâmica de grupo, reconhecendo e valorizando os aspectos presentes nos processos grupais, na comunicação humana, assim como de teorias que fundamentam a prática do musicoterapeuta. Para tanto, contam com o acompanhamento das docen-

tes no sentido de facilitar a articulação dos recursos específicos deste profissional no planejamento, implementação e avaliação dos atendimentos musicoterápicos ocorridos nos momentos de ensino-aprendizagem. Vale dizer que a análise do processo grupal desenvolvido pelos participantes da disciplina é também discutida entre todos, constituindo-se em oportunidades significativas para o conhecimento de si mesmo e das interações que cada um faz com seus pares no contexto musicoterapêutico.

Visando enriquecer a observação e discussão dos conteúdos que emergem durante o trabalho de grupo, algumas vivências são gravadas em vídeo, para um exercício de análise do ocorrido, procurando atender para a condução do grupo, funcionamento grupal, emergência de lideranças, vínculos, adequação dos recursos musicoterapêuticos, escuta e análise musicoterápicas e outros aspectos que mantiverem pertinência ao tema enfocado.

É um processo de construção coletiva do conhecimento, no qual os resultados têm sido surpreendentes no que dizem respeito aos processos de desenvolvimento do grupo em si, como de seus integrantes. Notamos, na maioria dos alunos, um desenvolvimento da habilidade de se perceber e perceber o outro, no potencial de observação, na criatividade em diversificar recursos da Musicoterapia nas sessões que coordenam e, principalmente, no desenvolvimento da capacidade de escuta e análise musicoterápicas voltadas para o contexto grupal.

Tais ganhos são frequentemente ratificados pelos próprios alunos no decorrer das disciplinas e nos momentos de avaliação das mesmas onde, através de um processo de feedback, procuramos ouvir como as situações de aprendizagem propostas têm contribuído para suas atividades de prática clínica em seus estágios curriculares. Vários relatos atestam a importância do que é vivido no contexto das aulas voltados para seus próprios processos de autoconhecimento que facilitam o desenvolvimento de suas competências interpessoais.

Dessa maneira, ao longo de todo o processo de construção, a experiência vivida pelos alunos e professores é

valorizada, ratificando a premissa de que o saber deve ser construído sob forma processual onde, apesar de assumirem posições diferentes, podem ocupar o mesmo nível na relação instituída, e juntos podem produzir o conhecimento. Assim, concordamos com Chaves (1993) quando fundamenta o processo ensino-aprendizagem nas relações interpessoais, que pode ser enriquecido de acordo com os papéis sociais entre os envolvidos, sendo aceitos e desempenhados com conformismo e passividade ou com visão reflexiva e crítica, através de ações inovadoras.

Considerações finais

Os resultados obtidos ao longo da parceria interdisciplinar citada neste trabalho, que perdura por quatro anos, reforçam nossa idéia, também apontada por Stacciarini & Esperidião (1999), de que é preciso propiciar, no contexto acadêmico, experiências que se tornem significativas e se constituam de aprendizado, para se levar a cabo ao longo da carreira escolhida. Não mais centrar na figura do professor, gerando uma didática quase sempre expositiva e, conseqüentemente, unilateral, o que dificulta o desenvolvimento de reflexões críticas por parte do aprendiz, assimilando o que lhe é imposto sem grandes questionamentos e, possivelmente, sem muita significância para si, tanto na esfera profissional como na pessoal.

Com a intenção de discutir nossa experiência com outros profissionais, temos procurado participar de eventos onde discussões dessa natureza fomentam trocas. Nossa proposta, por seu caráter original e arrojado, tem gerado crescente interesse nos meios que tratam da formação do musicoterapeuta, uma vez que extrapola o aspecto técnico-científico privilegiando o aspecto humano, este último, tão necessário na formação de profissionais da área da saúde. (CRAVEIRO DE SÁ & ESPERIDIÃO, 2004a e b).

A experiência aqui apresentada, desenvolvida ao longo desses anos, tem demonstrado que a referida parceria tem oferecido aos envolvidos uma oportunidade de amadurecimento individual e também nas interações do grupo alvo do processo, in-

dicando que podemos investir na formação do musicoterapeuta com métodos de ensino que relevem mais a experimentação, aliando teoria e prática, partindo dos recursos internos de cada um.

Entendemos que, sem dúvida, uma mesma disciplina contar com duas docentes altamente qualificadas em suas respectivas áreas do conhecimento, é um esforço que exige disponibilidade e empenho, além de ser um investimento grande para a instituição de ensino. Entretanto, os ganhos são visíveis. Ao propiciar trocas de saber, numa atitude de cooperação e reciprocidade, os benefícios são percebidos na qualificação dos futuros profissionais e, conseqüentemente, serão percebidos no ato da assistência prestada à saúde das pessoas.

Autoras

1 Doutora em Enfermagem Psiquiátrica. Psicóloga Gestalt-terapeuta. Professora Faculdade de Enfermagem da UFG. Contato: bethesper@yahoo.com.br

2 Doutora em Comunicação e Semiótica. Musicoterapeuta. Professora da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG. Contato: lcraveiro@ibest.com.br

Referências bibliográficas

- BRUSCIA, K. Definindo Musicoterapia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CHAVES, E. C. O desempenho de Papéis Sociais numa relação de ensino-aprendizado. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.1, n. especial, p. 35-42, dez/1993.
- CRAVEIRO DE SÁ, L. A Teia do Tempo e o Autista: Música e Musicoterapia. Goiânia: Ed. UFG, 2003.
- CRAVEIRO DE SÁ, L. & ESPERIDIÃO, E. Dinâmica do Relacionamento Humano em Musicoterapia: uma experiência interdisciplinar. In: VI Fórum Paulista de Musicoterapia. Resumo: CD-ROM, São Paulo, 2004a.
- _____. Dinâmica do Relacionamento Humano em Musicoterapia: uma experiência interdisciplinar na formação do musicoterapeuta. In: IV Seminário Nacional de Pesquisa em Música da EMAC-UFG, CD-ROM., Goiânia, 2004b.
- MACHADO, J.L.M.; CALDAS, A & BERTONCELLO, N.M.F. Uma nova iniciativa na formação dos profissionais de saúde. Interface: comunicação, saúde, educação, Botucatu, v.1. n.1, p. 147-56, Agosto/1997.
- NOGUEIRA, N.R. Interdisciplinaridade aplicada. São Paulo: Erica. 1998.
- RIBEIRO, J.P. Gestalt-terapia: o processo grupal - uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística. São Paulo: Summus, 1994.
- STACCIARINI, J.M.R.; ESPERIDIÃO, E. Repensando estratégias de ensino no processo de aprendizagem. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 5, p.59-66, Dez/1999.